



“Questão Social, Pandemia e Serviço Social: em defesa da vida e de uma educação emancipadora”

Eixo temático: Serviço Social: Fundamentos, Formação e Trabalho Profissional

Sub-eixo: Trabalho profissional

ENTRE IDAS E VINDAS: A EXPERIÊNCIA DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA EM UMA UNIDADE DE SAÚDE PÚBLICA

BARBARA CRISTINA FILGUEIRAS ROSSI ¹
MATHEUS CORTES PESSANHA DE LIMA ²
KARINNA VASCONCELOS LOUBABACH ²
WELISON MATHEUS FONTES DA SILVA ²
MARIA LUIZA OLIVEIRA DE ARAUJO ²

RESUMO

O projeto de extensão em tela visa repensar constantemente as estratégias para a prevenção e promoção da saúde especificamente no campo das ISTs e HIV/AIDS. Para isso as atividades se desdobram em duas frentes, uma que se refere a formação profissional em Serviço Social e outra voltada para a (re)criação de abordagens da temática junto à população usuária do SUS. Os resultados ora apresentados visam reafirmar as contribuições que a extensão universitária traz tanto para a formação profissional e produção de conhecimento, quanto para o aprofundamento da relação entre a Universidade e a Sociedade.

1 Profissional de Serviço Social. Universidade Do Estado Do Rio De Janeiro

2 Estudante de Graduação. Universidade Do Estado Do Rio De Janeiro

Palavras- Chave: Serviço Social; extensão universitária; formação profissional;

RESUMEN

El proyecto de extensión en pantalla tiene como objetivo repensar constantemente las estrategias de prevención y promoción de la salud específicamente en el campo de las ITS y el VIH/SIDA. Para eso, las actividades se desarrollan en dos frentes, uno referido a la formación profesional en Trabajo Social y otro enfocado a la (re)creación de abordajes del tema con la población usuaria del SUS. Los resultados aquí presentados pretenden reafirmar los aportes que la extensión universitaria trae tanto a la formación profesional y producción de conocimiento, como a la profundización de la relación entre la Universidad y la Sociedad.

Palabras llave: Trabajo Social; extensión Universitaria; formación profesional

1 – INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa apresentar o processo de “idas e vindas” de uma experiência desenvolvida, através um projeto de extensão, que segue sendo efetivado desde 2008, para que as reflexões acerca dos avanços e retrocessos dessa experiência possam contribuir para o debate sobre a extensão universitária no âmbito do Serviço Social. O projeto em tela é coordenado por uma Assistente Social e acontece em uma Unidade de Saúde vinculada ao Sistema Único de Saúde (SUS) que integra o Complexo de Saúde de uma Universidade Pública, tendo como norte as Diretrizes estabelecidas na Resolução CNE/CES Nº 7/2018

Art. 5º Estruturam a concepção e a prática das Diretrizes da Extensão na Educação Superior:

I - a interação dialógica da comunidade acadêmica com a sociedade por meio da troca de conhecimentos, da participação e do contato com as questões complexas contemporâneas presentes no contexto social;

II - a formação cidadã dos estudantes, marcada e constituída pela vivência dos seus conhecimentos, que, de modo interprofissional e interdisciplinar, seja valorizada e integrada à matriz curricular;

III - a produção de mudanças na própria instituição superior e nos demais setores da sociedade, a partir da construção e aplicação de conhecimentos, bem como por outras atividades acadêmicas e sociais;

IV - a articulação entre ensino/extensão/pesquisa, ancorada em processo pedagógico único, interdisciplinar, político educacional, cultural, científico e tecnológico.”

Disponível em:

https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/55877808.

Acesso em: 27 de agosto de 2022

Assim, buscando trazer elementos efetivos que colaborem para a relação entre Universidade - Sociedade, o projeto em curso é desenvolvido através de atividades de assistência-ensino-pesquisa-extensão, centrando-se na prevenção e promoção da saúde em ISTs (Infecções Sexualmente Transmissíveis, outrora reconhecidas como DSTs) e HIV/AIDS, com ações nos eixos da formação profissional e da assistência à população usuária do SUS atendida na Unidade de Saúde. Dito isto, tendo como referência esse escopo central do projeto, é que o trabalho ora apresentado versará, apresentando aqui os resultados mais gerais das ações, com ênfase nos resultados obtidos no ano de 2019.

Para ilustrar parcialmente o se pode configurar como “idas”, serão apresentados os resultados obtidos até o período “pré-pandemia”, em 2019. O refluxo das ações, que será nomeado como “vindas”, ocorrido nos anos de 2020 e 2021 , bem como o novo começo em 2022, com a retomada da vida e da esperança tanto nos corredores da Universidade, quanto na Unidade de Saúde.

2- DESENVOLVIMENTO

Para um melhor entendimento do conteúdo a ser apresentado neste trabalho se faz necessário discutir, resumidamente, as questões relativas à Saúde de forma a contextualizar as problemáticas que perpassam o cotidiano das ações objetivadas por um projeto de extensão implementado em uma unidade de saúde universitária,

pontuando, desta forma, alguns dos elementos pertinentes ao panorama da Saúde com destaque para a Política de Saúde Pública e sua interface com a atual conjuntura de crise do capital.

Atualmente, tem-se um processo contínuo de sucateamento dos serviços públicos de Saúde, atrelado às diversas expressões da questão social. Segundo Bravo (2006) a hegemonia neoliberal no país passa a reduzir direitos sociais e trabalhistas, contribui para o desemprego estrutural e a precarização do trabalho, além de desbancar a previdência pública e garantir o sucateamento da saúde e da educação. No âmbito da Saúde Pública observamos dois projetos em disputa, o Projeto Privatista e o de Reforma Sanitária. Na atualidade destaca-se o avanço da perspectiva Privatista dentro dos espaços da Saúde, somado a precarização do trabalho consolidada por medidas focalizadas e ações voltadas para o mercado. Desta maneira, os elementos que foram elencados recaem sobre os serviços de Saúde sob a forma de demandas implícitas e explícitas, colocadas pelos usuários nas intervenções de promoção e prevenção em saúde, desenvolvidas tanto em atendimentos individuais quanto nas práticas com grupos. Dentro deste contexto de crise a equipe, partícipe do projeto de extensão em tela, desenvolve um extenso rol de ações que contraria a lógica privatista, buscando o fortalecimento do projeto da Reforma Sanitária.

Isto posto, o trabalho ora apresentado refere-se particularmente aos resultados obtidos através do desenvolvimento de um projeto de extensão vinculado, desde 2008, ao Departamento de Serviço Social de uma unidade de saúde universitária. O projeto objetiva ofertar aos graduandos de Serviço Social treinamento qualificado que, em última análise, se reverta - para a população usuária - em acesso a atendimentos individuais e à práticas com grupos que envolvam as múltiplas determinações do processo saúde-doença, em especial as referentes ao campo das ISTs e do HIV/AIDS. Para a consecução dos objetivos o projeto se desdobra em dois eixos intrinsecamente relacionados: um que se refere a tríade do ENSINO-PESQUISA-EXTENSÃO (introduzindo inovações metodológicas no processo de ensino e aprendizagem junto aos graduandos de Serviço Social) e outro voltado à ASSISTÊNCIA (junto aos usuários vinculados aos ambulatórios da unidade de

saúde). No âmbito da ASSISTÊNCIA as atividades são operacionalizadas através de: *atendimentos individuais* (que vem possibilitando reflexões sobre o processo saúde-doença, orientações acerca de direitos sociais, acompanhamentos das “situações sociais, etc.”); e “*grupos de salas de espera*” entendidos como “*espaços de interlocução ativa entre profissionais e usuários – enquanto sujeitos reflexivos e não como ouvintes passivos – visando à coletivização das reflexões e desvelamento do processo saúde-doença*” (Teixeira e Rossi, 2007, p.14). Os “grupos de salas de espera” são parametrados por uma metodologia que privilegia a horizontalidade das relações, valorizando a vivência dos sujeitos, numa perspectiva diferenciada daquelas normatizantes e estigmatizantes presentes no modelo biomédico de saúde, com isso vem sendo criados espaços de discussão e reflexão acerca das questões de gênero, da vivência do “sexo seguro”, estratégias de negociação para o uso de preservativos, tipos e formas de transmissão das diversas ISTs e do HIV /AIDS, etc. No âmbito do ENSINO-PESQUISA-EXTENSÃO os graduandos de Serviço Social participam de treinamento continuado desenvolvido através da realização de: a) “*oficinas temáticas*” – criadas para oportunizar ao conjunto dos alunos, estudos aprofundados sobre os temas afeitos à profissão e aos dilemas do exercício profissional no SUS (política de saúde, sexualidade, gênero, direitos sociais, projeto ético-político, instrumentalidade, entre outros); b) “*oficinas de vivências*” – criadas para a “experimentação” das possibilidades do fazer profissional. São espaços onde os alunos dramatizam situações referentes aos atendimentos individuais e aos grupos. Essas oficinas foram criadas com o propósito de possibilitar ao aluno vivenciar a relação profissional de saúde X usuário, ora se colocando na condição de “profissional” ora como “usuário”. Além das oficinas também se faz necessário garantir “*supervisões diferenciadas*” como parte indispensável do processo de formação profissional. Assim, são realizadas “*supervisões de campo/cotidianas*” – voltadas para o acompanhamento das atividades práticas desenvolvidas cotidianamente no campo; “*supervisões específicas*” – onde os alunos são estimulados a refletir sobre a indissociabilidade entre a teoria e a prática, além de ser o momento onde são discutidos os meandros que envolvem o complexo fazer profissional do Assistente Social; “*supervisões*

gerais” – onde ocorre a interseção com os demais projetos de extensão implementados no Departamento de Serviço Social da unidade.

Diante do exposto serão apresentados, de um modo geral, os resultados obtidos pelo projeto ao longo dos quatorze anos de sua existência, passando pela exposição, de forma mais detalhada, dos resultados obtidos no ano de 2019 (antes da pandemia de COVID-19), pelo momento de refluxo durante a pandemia e chegando aos dias atuais com as novas perspectivas para seguir repensando suas estratégias de consecução dos objetivos propostos.

2.1- Entre idas e vindas: o fluxo das atividades e os resultados obtidos

2.1.1- resultados gerais

Desde sua implementação em 2008 até a presente data, muitos foram os resultados alcançados pelo projeto. Ao longo dos quatorze anos de sua existência o projeto disponibilizou um treinamento específico desenvolvido com o conjunto de trinta alunos de graduação em Serviço Social, sendo que quatorze desses contaram com uma bolsa de extensão, financiada pela Universidade Pública, durante o período em que permaneceram inseridos no projeto. Considerando o conjunto de alunos (bolsistas e voluntários), estes permaneceram, em média, dois anos vinculados ao projeto. A partir do extenso rol de ações desenvolvidas através do projeto, foram produzidos, pelos alunos, inúmeros trabalhos acadêmicos, além de quatorze Trabalhos de Conclusão de Curso/TCC, também foram apresentados trabalhos em diversos eventos científicos. O projeto recebeu ainda uma importante premiação pela Universidade na qual está vinculado. Por fim, mas não menos importante, foram publicados quatro artigos resultantes do projeto.

No que tange aos resultados do projeto, junto à população usuária do SUS, podemos afirmar que em média foram realizados 1 Grupo de Sala de Espera por semana, nos ambulatórios da unidade de saúde, com a participação média de 25 usuários por grupo (e mesmo tendo atravessado cenário de greves, cortes de salário, atrasos nas bolsas, ainda assim foi possível envolver cerca de 10.000 (dez mil) usuários ao longo dos quatorze anos de existência do projeto. Também foram

elaborados 6 (seis) folhetos pela equipe (para serem distribuídos ao final dos grupos realizados). Foi firmada também uma parceria com um projeto de extensão da Faculdade de Comunicação Social (da mesma Universidade que o projeto em tela está vinculado) para a gravação de um vídeo educativo para ser apresentado à população durante as atividades com os grupos. Vale ressaltar que a equipe do projeto participou de todas as etapas de elaboração do vídeo, quais sejam: roteirização do vídeo, criação das esquetes e atuação no vídeo.

2.1.2- resultados específicos obtidos no ano de 2019, antes da pandemia de COVID-19: a experiência no Ambulatório de Medicina Integral de uma unidade de saúde pública

Ao longo dos quatorze anos de existência do projeto o eixo referente as ações de prevenção e promoção da saúde em ISTs e HIV-AIDS foram sendo constantemente repensados, retroalimentados e redirecionados, criando diferentes formas de abordagem, sintonizadas aos diferentes perfis de usuários do SUS que utilizam os serviços da unidade de saúde.

No final do ano de 2018 foi firmada, pela equipe do projeto, uma parceria com um Ambulatório de Medicina Integral/AMI/ (com a aquisição de 2 salas no setor e com a realização de obras e compra de mobiliário e equipamentos necessários). Uma das principais características do AMI é atender/acompanhar pacientes em sua integralidade, o que traz para o ambulatório uma complexidade de demandas em saúde (com o reconhecimento dos determinantes sociais do processo saúde/doença). Tais práticas exigiram dos profissionais envolvidos (médicos, psicólogos e assistentes sociais) a constante integração entre práticas e saberes, além do manejo de técnicas específicas de abordagem aos usuários/pacientes. Assim, os bolsistas participaram de um amplo treinamento visando imiscuírem-se nessas novas frentes de ação, quais sejam: o atendimento/acompanhamento individual de pessoas que vivem com HIV/AIDS e dos demais usuários atendidos no AMI e a prática de interconsultas com as equipes médica e de psicologia. Sendo assim, o bolsista e os alunos voluntários estiveram envolvidos nas OFICINAS

TEMÁTICAS e nas OFICINAS DE VIVÊNCIAS, voltadas especificamente para o desenvolvimento dessas novas práticas. Os alunos também participaram da formulação de uma entrevista semi-estruturada do Serviço Social que foram destinadas ao atendimento/acompanhamento dos usuários do AMI. Os alunos iniciaram as atividades, voltadas para as novas práticas elencadas, além de elaborarem um novo mural que permaneceu afixado no AMI. Durante este período foram realizados 56 atendimentos de primeira vez e 23 entrevistas de acompanhamento individual (arquivadas na sala do Serviço Social do AMI), além da realização de 8 Grupos de Sala de Espera/GSEs (com 102 usuários) com orientações sobre saúde, direitos sociais e a atuação do Serviço Social no AMI.

Fotos 1: Grupo de Sala de Espera no Ambulatório de Medicina Integral de uma unidade de Saúde (foto propositadamente desfocada para evitar a identificação dos participantes e editada para não identificar os profissionais que realizaram a atividade)

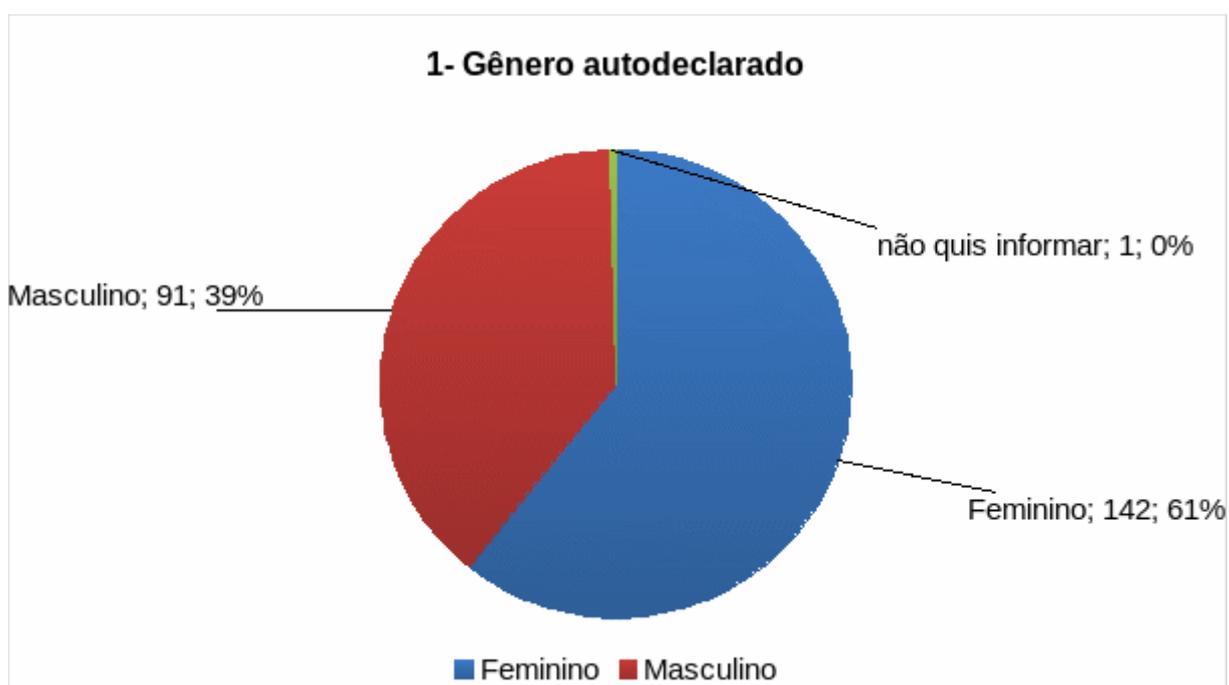


Como desdobramento destas atividades foi realizada pesquisa quali-quantitativa, visando sistematizar e analisar a experiência desenvolvida com a expansão das ações para o AMI (voltados à estes usuários) que resultou no Trabalho de Conclusão de Curso de um dos alunos voluntários inserido no projeto.

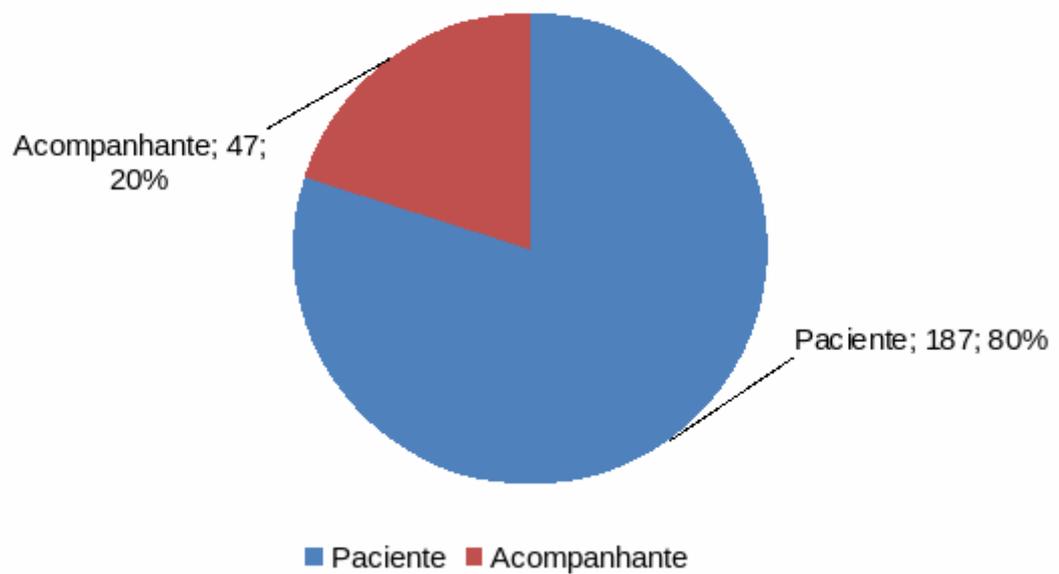
2.1.3- resultados específicos obtidos no ano de 2019, antes da pandemia de COVID-

19: ações de prevenção e promoção da saúde em IST e HIV/AIDS: sexualidade, direitos sexuais e direitos humanos

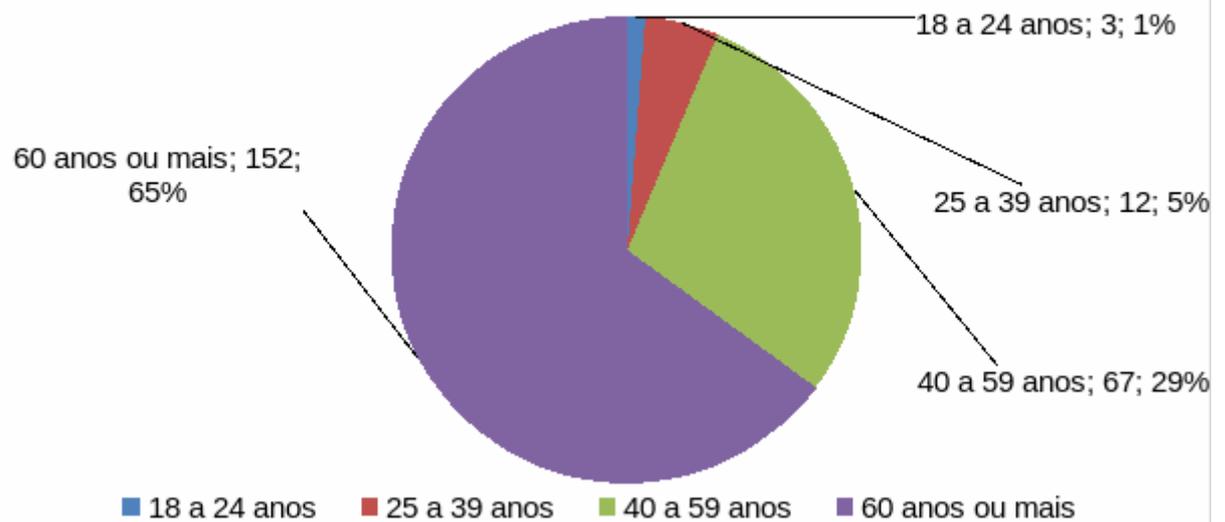
Ao longo do ano de 2019 foram mantidos os GSEs nos demais ambulatórios da unidade de saúde com o intuito de garantir a continuidade das ações de prevenção e promoção da saúde em ISTs e HIV/AIDS, centrando o debate no reconhecimento dos Direitos Sexuais como Direitos Humanos Fundamentais. Para promover essas discussões, tão necessárias quanto polêmicas, foram incorporadas, ao projeto, as contribuições do subprojeto - elaborado pelo bolsista de extensão - cuja metodologia envolve a utilização de manchetes de jornais e mídias digitais para fomentar as discussões sobre tal temática. Assim, foram realizados 15 GSEs (em diversos ambulatórios da unidade de saúde), com a participação de 234 usuários, cujo breve perfil segue apresentado nos gráficos de 1 a 4 abaixo relacionados:

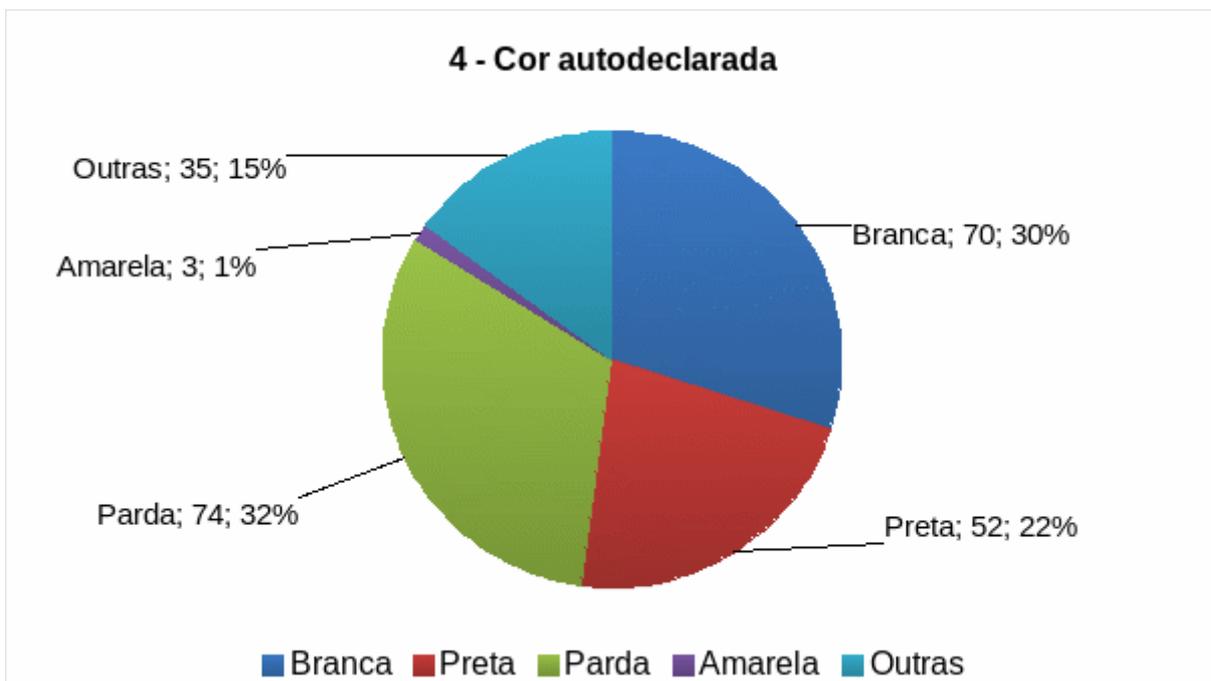


2 - Categoria de usuários



3 - Grupo de idade





Participaram das atividades de grupos de sala de espera 234 usuários, sendo 152 destes na faixa etária acima de 60 anos, 67 entre 40 e 59 anos, 12 entre 25 e 39 anos e 3 entre 18 e 24 anos. Foram realizadas 15 atividades de GSE, com o tempo médio de 40-50 minutos cada. Um dado observado é que nesses ambulatórios se encontravam muito mais pessoas que se autodeclaravam pelo sexo feminino (61%) do que masculino (39%). Adotamos, nessa pesquisa, por perguntar qual gênero o usuário se autodeclara ou se identifica, para que se evitasse uma dicotomia de gênero, isto é, uma estrutura binária; entretanto, dos 234 usuários no total, apenas um se autodeclarou como “indefinido”.

Para a análise aqui empreendida, assumimos a noção performática que Butler propõe a partir do conceito de gênero, que nos ajuda a compreender melhor o modo variado como as expressões de feminino e masculino podem se dar. Para a autora, o efeito performativo do gênero multiplica as diferenças, levando-nos a observar as feminilidades e as masculinidades sob diversos contextos de expressão política e social dos sujeitos. Adicionamos também aos registros dos grupos de sala de espera a classificação de cor dos usuários, sobretudo para trazer à luz do debate análises e reflexões que envolvam a população negra. É imprescindível, em uma sociedade racial e socialmente construída como é a brasileira, levar em consideração o olhar raça e saúde como um dos indicadores de posição social. Por isso optamos pela mesma abordagem utilizada na categoria “gênero”, e, assim, era perguntado aos usuários qual cor ou raça, se autodeclaravam. Diversas foram as vezes que os usuários repetiam a pergunta em voz alta, na tentativa de que o usuário ao lado respondesse ou confirmasse o que parecia “desconhecido” para ele naquele momento. Embora, anteriormente, fosse explicado sobre a necessidade de a resposta ser autodeclarada, alguns usuários perguntavam a própria equipe do

projeto, qual era a cor de sua pele. Os usuários que se autodeclararam pardos são a maioria (74), seguido da cor branca (70), preta (52), outras denominações (35) e amarela (3). Essas outras denominações variam desde a cor “morena” à “azul”, por exemplo” .(SILVA, 2020, P.5)

Durante os GSEs (gravados em áudio, com a concordância de todos os participantes, e posteriormente transcritos) os principais temas abordados foram relacionando os Direitos Sexuais aos Direitos Humanos, abordando questões sobre sexualidade, feminicídio, homofobia, prevenção de ISTs e HIV/AIDS, Educação Sexual x “Kit Gay”, necessidade de combater a propagação das chamadas “Fake News”, entre outros. Para fomentar a participação da população na atividade foram apresentadas notícias extraídas de jornais de circulação nacional ou de sites com fontes verificadas, como por exemplo:

“Mulher de 31 anos é morta a tiros pelo marido na Bahia. Homem não aceitava o fim do relacionamento.” A notícia publicada pelo site G1 da Bahia, no dia 8 de março de 2019

Nos GSEs foram trazidas importantes contribuições, postas pelos próprios usuários, como em relação a Lei do Feminicídio – que é o assassinato de uma mulher, cometido por razões da condição do sexo feminino. A notícia traz questionamentos sobre a ideia de posse do homem sobre a mulher, que provém do machismo e do patriarcado, que são maneiras culturais de a sociedade colocar a mulher num lugar de inferioridade, submissão e subserviência, conforme salienta um usuário durante um dos Grupos

“Um preconceito machista, até mesmo o Brasil é muito [machista]... Ainda. Vem arrastando isso há muitos anos, esse pensamento machista. E, às vezes, no fim do relacionamento a pessoa não aceita, e a gente tem que ver... Imaginar que a gente não é dono de ninguém. Cada um tem a sua vida. No momento que a pessoa não quer mais, o outro tem que aprender a respeitar. (Usuário 4, durante um GSE ambulatório X)

Em outro GSE, durante as discussões da mesma notícia, duas usuárias relataram que buscaram a delegacia da mulher para fazer a denúncia, porém só uma afirmou que a lei foi aplicada da maneira que deveria ser pois seu parceiro foi condenado.

“ Eu denunciava. Eu fui atendida, eu posso falar que fui atendida, e não se repetiu mais. E eu o vi pagar, então

foi bom para ele. Serviu de exemplo, porque ninguém é de ninguém, gente.” (Usuária 7, durante um GSE ambulatório Y)

Outro exemplo de notícia apresentada:

“Idosos com mais de 70 anos fazem filme pornô para mostrar sexo na terceira idade.” ” publicada no Site IG em 08 de março de 2019

Essa notícia funcionava “quebrando o gelo” dos GSEs, provocando diversas reações e até mesmo hesitação sobre sua veracidade. Por se tratar de filme pornô, logo é feito um julgamento moral, associa-se a “falta de vergonha”, “palhaçada” e “p*taria”. Apontamos que a escolha por trazer essa notícia se relacionava ao direito de viver a sexualidade, independentemente da, idade ou condição física, para mostrar aos usuários que sexo na terceira idade existe e que é necessário falarmos sobre isso e sobre prevenção, uma vez que, segundo o Ministério da Saúde, cerca de 4% a 5% da população acima de 65 anos são portadores do vírus HIV, um aumento de aproximadamente 103% nas notificações neste grupo.

A notícia:

“Brunei, o país onde gays agora podem ser apedrejados até a morte.” publicada pelo BBC Brasil no dia 03 de abril de 2019

Foi a que mais divergiu entre os usuários. Se por um lado, nenhum usuário demonstrou explicitamente concordar com essa notícia, pelo outro, a questão entre o “público” e o “privado” apareceu em diversos momentos, constatando-se, parcialmente, o direito de expressar livremente sua orientação sexual: heterossexualidade, homossexualidade ou bissexualidade. Essas duas falas apresentam as ressalvas feitas pelos usuários sobre a livre expressão da homossexualidade em especial:

“Já que a gente está no assunto, está em pauta, e eu acho também igual a você falou, a sociedade tem que respeitar a opção sexual de cada um, porém não acho certo homens ficarem se beijando em local público, onde crianças estão vendo, ou mulheres que ficam se agarrando, se beijando, não acho correto, isso aí não pega bem.”(Usuário 11, durante um GSE no ambulatório Z)

“Você está passeando com os seus filhos no shopping e estão lá dois homens se beijando, tá lá duas mulheres se beijando, completamente errado isso”. (Usuário 12, durante um GSE no ambulatório X)

A verdade é que a nova geração quer empurrar goela abaixo da gente, que é a favor da família tradicional, seja por religiosidade ou por posição, querem nos empurrar que é normal. E para os nossos filhos que isso também é normal, porque o que acontece, a gente respeita, a gente não agride, a gente abraça, se for necessário a gente ajuda, mas a gente não é obrigado a achar que isso é normal. (Usuário 12, durante o GSE no ambulatório Y)

A percepção da homossexualidade, tanto no espaço público como no espaço privado, agride a cultura homofóbica e heterossexista em que vivemos; autoafirmar-se como gay ou como lésbica é, no mínimo, um desafio ou um desacato. Gary Sanders aponta:

Ser gay ou lésbica em uma cultura homofóbica e heterossexista pode amparar um segredo sobremaneira potente e deletério. Este não é apenas um segredo sobre um fato, um evento, o acobertamento de um período de tempo, ou de um relacionamento passado, mas é o acobertamento da essência de uma pessoa, daquilo que convida esta pessoa a juntar-se à raça humana – a necessidade para afiliar-se, embora com pessoas do mesmo sexo. (SANDERS, 1994, p. 242)

Conforme a autora, a homofobia diz respeito a sentimentos negativos frente a pessoas homossexuais ou diante do conhecimento de que outras pessoas são gays ou lésbicas. O heterossexismo se refere à crença, mantida culturalmente, de que o amor entre homens e mulheres é a única forma possível de vivenciá-lo. Gays e lésbicas são vetados ao toque, ao olhar, ao abraço, ao beijo, à expressão genuína e espontânea do sentimento amoroso na presença de outrem, particularmente em se tratando do espaço público.

Essas contribuições teóricas lançam foco no debate que está sendo posto e e colocam os assistentes sociais como um dos profissionais que trabalham com uma perspectiva de direitos, de eliminação do preconceito, para que as pessoas possam viver da maneira que elas são, livres de discriminação.

2.2 – Impacto da pandemia no desenvolvimento do projeto de extensão

Nos anos de 2020 e 2021, o projeto necessitou redirecionar suas ações para cumprir os protocolos de segurança sanitária, elaborados pela Unidade de Saúde na qual está vinculado. Inicialmente a Unidade realizou um redirecionamento total de suas

atividades, se tornando referência na Testagem do COVID-19, o que impactou deveras o projeto, seja em virtude da suspensão total das atividades com Grupos (para garantir a segurança sanitária dos trabalhadores e da população), seja com a demolição total dos espaços físicos conquistados pelo projeto, para abrir espaço para a criação do centro de testagem da unidade. Como a obra ocorreu em um período de agudização das tensões e medos diante de todo ineditismo e rastro de dor, insegurança e sofrimento trazidos pela pandemia de COVID-19, o arquivamento e transporte de todo material do projeto de extensão não foi capaz de garantir a preservação dos mesmos, tendo sido em parte avariado ou perdido.

Como os Grupos de Sala de Espera/GSE foram integralmente suspensos, as atividades foram centradas nos atendimentos e acompanhamentos sociais individuais, em busca de colaborar para o acesso da população usuária aos direitos sociais. No que tange as atividades desenvolvidas junto aos alunos estas seguiram os protocolos estabelecidos pela Unidade acadêmica de referência, inicialmente com as atividades integralmente suspensas, passando para o período de ações remotas, posteriormente híbridas, chegando ao retorno presencial em 2022.

2.3- O desafio de recomeçar

Com o retorno dos alunos ao campo, foi possível identificar como o período de ensino remoto repercutiu de maneira temerária no processo de formação destes graduandos. Para reconectar os alunos a vivência no campo, a coordenação do projeto necessitou emendar esforços para reorganizar o amplo programa de treinamento desenvolvido através do projeto.

Sendo assim, ao longo de 2022 além de serem retomadas as atividades já elencadas nos itens anteriores, a equipe do projeto procurou inovar novamente no desenvolvimento das ações, agora buscando ampliar o alcance explorando o uso da nova linguagem difundida pelos meios digitais. Para isso a equipe criou um perfil em uma importante plataforma digital, está criando as postagens para alimentar esse perfil, além de buscar parceria com o setor de comunicação social da unidade de saúde para impulsionar as visualizações dos conteúdos produzidos. Com isso o projeto vem colaborando tanto para a socialização reflexiva das informações em

ISTs e HIV/AIDS, quanto na formação de profissionais competentes, críticos, comprometidos e sintonizados com o manejo de novas formas de linguagem (entendida como instrumento do Serviço Social) para prestar uma assistência cada vez mais qualificada à população usuária.

3- CONCLUSÃO

Como sinalizado inicialmente manter em atividade, ao longo de quatorze anos, um projeto de extensão (coordenado por uma Assistente Social) vinculado a uma Universidade Pública, desenvolvido em uma unidade de saúde inserida no complexo de saúde dessa Universidade, por si só é um desafio.

Em primeiro lugar, devemos considerar que durante esses anos não navegamos em mares calmos, uma vez que sofremos todas as inflexões trazidas pelo capitalismo, representado por vários governos em seus sucessivos ataques a Educação Pública, agudizado no cenário desse neofascismo que anda fazendo morada na sociedade brasileira. Como se isso fosse pouco, ainda atravessamos a pandemia no olho do furacão, em uma Unidade de saúde. Foi fácil? Certamente que não! Entretanto, apesar de tudo e de todos, estamos sobrevivendo e resistindo bravamente.

Somos resistência por defender um ensino, público, gratuito, laico, gratuito e socialmente referenciado, reiterando obstinadamente que é possível produzir conhecimento com qualidade, relevância social e com impactos para a sociedade e para formação crítica do alunado. Além de reafirmar que é possível sim, desenvolver práticas críticas e de qualidade junto aos usuários do SUS, respeitando nossos princípios ético-políticos.

Dito isso, para além dos dados quantitativos e qualitativos, brevemente aqui apresentados, o objetivo final do trabalho ora apresentado é fortalecer o campo crítico dialético em oposição a onda conservadora que vem se alinhando e ganhando terreno em diversos espaços profissionais, reeditando rumos profissionais que acreditávamos que permaneceriam no passado.

Sigamos firmes, fortes em defesa do Serviço Social crítico, propositivo e com clareza da Direção Social Estratégica que resiste e precisa cada vez mais avançar,

garantindo a hegemonia no debate e exercício profissional.

REFERÊNCIAS

ASSIS, M. "Vulnerabilidade das idosas ao HIV/AIDS: despertar das políticas públicas e profissionais de saúde no contexto da atenção integral: revisão de literatura" , Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia vol.14 no.1 Rio de Janeiro Jan./Mar. 2011

ÁVILA, Maria Betânia De Melo; CORRÊA, Sônia. O movimento de saúde e direitos reprodutivos no Brasil: revisitando percursos. In: Galvão L, Díaz, J, organizadores. **Saúde sexual e reprodutiva no Brasil: dilema e desafios**. São Paulo: Editora Hucitec/Population Council; 1999. p. 70-103.

BRASIL, RESOLUÇÃO Nº 7, DE 18 DE DEZEMBRO DE 2018. Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação - PNE 2014-2024 e daí outras providências, Disponível em https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/55877808, Acesso em: 27 de agosto de 2022

BRAVO, Maria Inês Souza; MATOS, Maurílio Castro de. Reforma Sanitária e Projeto Ético-Político do Serviço Social: Elementos para o Debate. In: Saúde e Serviço Social BRAVO, M. I. Set alli (Orgs). São Paulo: Cortez; Rio de Janeiro: UERJ, 2004.

BRAZ, M. M. R. "Notas sobre o projeto ético-político do Serviço Social" in CRESS 7ª Região. Assistente Social: ética e direitos. Rio de Janeiro: CRESS 7ª Região, 2001.

BUTLER, J. Problemas de Gênero: Feminismo e a subversão da identidade. Nova York: Routledge, 1990.

CARLOTO, Cássia. Ruptura ou reforço da dominação: gênero em perspectiva. In: SILVEIRA, Maria Lúcia (Org.). **Políticas públicas e igualdade de gênero**. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2004, p. 149-155.

CORRÊA, Sônia; ALVES, José Eustáquio Diniz; JANNUZZI, Paulo de Martino. Direitos e Saúde Sexual e Reprodutiva: marco teórico-conceitual e sistema de indicadores. In: CAVENAGHI, Suzana (Org.). **Indicadores municipais de Saúde Sexual e Reprodutiva**. Rio de Janeiro: ABEP, Brasília: UNFPA, p. 27-62, 2006.

ENGELS, Friedrich. A origem da família, da propriedade privada e do Estado. Tradução de Leandro Konder. In: MARX, Karl, ENGELS, Friedrich. **Obras escolhidas, Volume 3**. São Paulo: Alfa-Omega, s/d, p. 36-48.

HERBENICK, Debby; SCHICK, Vanessa; SANDERS, Stephanie; REECE, Michael;

FORTENBERRY, J. Dennis. Pain Experienced During Vaginal and Anal Intercourse with Other-Sex Partners: Findings from a Nationally Representative Probability Study in the United States: Pain During Intercourse. **The journal of sexual medicine**, nº 12, fev. 2015.

LEMOS, Adriana. Direitos sexuais e reprodutivos: percepção dos profissionais da atenção primária em saúde. **Saúde Debate**, v. 38 nº 101, Rio de Janeiro, abr./jun. 2014, p. 244-253.

MENDONÇA, E A. P. “Tematizando gênero e sexualidade nas práticas educativas” in Saúde e Serviço Social. São Paulo, Cortez, Rio de Janeiro: Uerj, 2004.

NETTO, J.P. “A construção do projeto ético-político contemporâneo” in capacitação em Serviço Social e Política Social. Módulo 1 – Brasília: CEAD/ABEPSS/CEFESS, 1999.

_____ “Transformações Societárias e Serviço Social. Notas para uma análise prospectivas da profissão no Brasil”. Serviço Social e Sociedade. São Paulo: Cortez, Ano XVII, Nº 50, 1996.

PAIVA MS, Amância L. Implicações das representações sociais na vulnerabilidade de gênero para sida/aids entre jovens universitários: estudo comparativo Brasil – Portugal. [periódico na internet]. 2004 [citado 2006 Jul 28];13(1) [aproximadamente 21 p.]. Disponível em: www.aidscongress.net/article.php.

ROSSI, B.C.F & TEIXEIRA, E.T.N. “Elementos propulsores para repensar as práticas educativas em DST e HIV/AIDS.” Conexão UEPG. / Universidade Estadual de Ponta Grossa, Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Culturais, Divisão de Extensão Universitária. Ponta Grossa : Editora UEPG, 2005-2011, v.7, n.1

SAAD, P. M. Transferências de apoio intergeracional no Brasil e na América Latina. In: CAMARANO, A. A. (Org.). Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60? Rio de Janeiro: Ipea, 2004, p. 169-209.

SILVA, W. M. F. . A invisibilidade do prazer feminino na saúde: uma análise da relação entre direitos humanos e direitos sexuais. MOITARÁ - REVISTA DE SERVIÇO SOCIAL , v. 1, p. 60, 2020.

SILVA, W. M. F. . Dialogando sobre direitos sexuais com os usuários do SUS nos espaços de atendimento da Policlínica Piquet Carneiro. PPC/UERJ. INTERAGIR (UERJ) , v. 30, p. 1-15, 2020.

SILVA, W. M. F. ; RUIZ, J. L. S. . A centralidade do SUS na pandemia do coronavírus e as disputas com o projeto neoliberal. Physis: Revista de Saúde Coletiva, 26 jun. 2020.

TEIXEIRA, E.T.N & ROSSI, B.C.F. “Desafios para a valorização das Representações

Sociais e da linguagem dos sujeitos nas atividades de Educação em Saúde”, In Revista Interagir Saúde. Rio de Janeiro

VASQUEZ, A. S. *A Filosofia da Práxis*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

,